











MEU





io Ambiente onheça seus itos e Deveres

O Presidente Fernando Henrique Cardoso, como ambientalista e defensor do Meio Ambiente destinou para projetos e programas ambientais um bilhão, novecentos e noventa e quatro milhões de dólares para o Meio Ambiente no próximo quadriênio, cujo otimismo é demonstrado por técnicos, coordenadores, secretários e por outro defensor do Meio Ambiente o Ministro Gustavo Krauser Gonçalves Sobrinho.

Após o prazo concedido da MP o Presidente irá com todo rigor aplicar a Lei 9.605 - lei de crimes ambientais.

Parabéns Sr. Presidente, ao tomar a atitude de assinar a Medida Provisória 1.710 deu um voto de confiança ao empresário poluidor evitando o fechamento de 11.000 empresas irregulares no país, entrando em uma luta quase corporal contra o desemprego, atitude de um grande estadista.

Margarida Pereira de Alcântara Nascimento

*Empresária,
artista, líder
sindical,
1ª secretária da
Apacex e titular da
lei de incentivo à
cultura estadual
Recife - PE*



O Circo e Eu?

Escrito pela artista circense India Morena, quando a mesma completa 46 anos de vida circense.

Circo, completa hoje 46 anos que te pertencem:

Tú és o meu mundo, com tua cobertura de nylon, ou de pano, mesmo assim és o meu mundo;

Também sem tua capa protetora, eu sou tua;

Tú és meu pai, minha mãe, meu marido és minha família;

Quantas vezes doente, sem forças, fraca, eu enfrentei o teu picadeiro; Circo tua arquibancada é uma sala de visitas, tuas cadeiras servem de sala de reunião, teus mastros são teus vassallos, teus mastareus são seus convidados de honra, teus páus de roda

são tua segurança; para que tú possas resistir;

Tua barraca é o quarto de hóspedes, tuas cordas são tuas forças,

Teus tomos e telas armam teu palco, que é o leito dos artistas;

Tua cortina é teu mosqueteiro, tua cobertura é teu telhado, circo, tú és um palácio onde vivo com alegria, teus artistas são teus filhos, Tú és meu rei, eu sou tua escrava, muito obrigada circo mambembes, onde eu passei minha infância, minha mocidade, e estou enfrentando minha velhice, com mágoas, alegrias, dores e tristeza, não me abandones circo, pois eu te amo e serei sempre tua.

Instituto Acrobático Brasileiro

Assessoria, consultoria, pesquisa e pro-

INDIA MORENA, a grande defensora da classe circense em RECHE-PE está com vaga reservada no programa do RATINHO e virá à São Paulo nos próximos dias e entre outras coisas vai mostrar a situação em que se encontra os artistas circenses lá no nordeste.



INDIA MORENA



Reunião na ABED

Reunião na ABED - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESÁRIOS DE DIVERSÕES, vemos na foto da esquerda para a direita TELECO, JOSÉ VITOR GALVÃO, CHRISOSTOMO PINHEIRO DE FARIA E CARLOS FERNANDES DENGOSO.

O ADELSON encontrou um jeito fácil de ganhar dinheiro, acontece que quando vai montar o seu parque ele usa essa tática: Se um barraqueiro não quer ficar perto de outro, ele cobra 10 reais, se outro quer escolher lugar, ele cobra 10, se um não quer encostar o seu baú perto de outro, ele cobra 10, se algum quer trabalhar perto de onde trabalha alguma moça, ele cobra 10, e assim no fim da montagem ele arruma uma grana preta.



CAETANO e NENE CASTILHO

O NENE CASTILHO e o CAETANO, acabam de formar a melhor dupla de BINGUEIROS da atualidade, tem até patrocinadores só falta, arrumar lugar para trabalhar para não se tornarem "BINGUEIROS SEM BINGO" os interessados em contratá-los é só ligar para o ADELSON seu empresário oficial.

Você Sabia

Que no dia 18 de setembro de 1934, a classe circense esteve reunida no circo-pavilhão de Danilo de Oliveira armado no Largo Paissandú-SP e nesse dia foi fundado o sindicato dos TRABALHADORES DE TEATRO em SÃO PAULO, hoje Sindicato dos artistas e técnicos em espetáculos de diversões no Estado de São Paulo. SATED.

Que no dia 14 de setembro de 1937, às 15h na Vila Olímpia-SP foi o lançamento da pedra fundamental para a criação da Casa do Ator de São Paulo. Estiveram presentes na solenidade o presidente do Sindicato Sr. MANOEL DURÃES e MARIO DE ANDRADE, notável escritor e diretor do departamento Municipal de Cultura, e a 1ª comissão organizada foi assim formada: OSCAR JORDÃO, FRANCISCO SÁ, GENÉSIO ARRUDA, RAUL SOARES E DANILO DE OLIVEIRA.

E finalmente no dia 8 de novembro de 1938 foi inaugurada por DANIEL BERNARDES a casa do ator, e serviram de paranimfos da Casa do Ator, o DR. ADHEMAR DE BARROS e sua excelentíssima esposa Dona LEONOR MENDES DE BARROS.

Que o "Circo Bragazio" de Heitor e Bragazzi foi considerado a melhor circo que tinha no Brasil de 1830 a 1860 e viajou por Minas e Rio de Janeiro.

Que em 1830, o "GRAN CIRCO LUANDE" estava na Bolívia, foi quando ALEXANDRE LUANDE deixou o circo de seu pai e veio para o Brasil onde fundou o "CIRCO EQUESTRE E GINÁSTICO" ou CIRCO DE CAVALINHOS. Aqui no Brasil Alexandre se casou com GILLY HEPBURN.

VIVER



Como líder de classe, lutando sempre pelo interesse dos circenses



Rainha no picadeiro

o fazer teatral. Importante notar que essa atividade exercida profissionalmente não era bem aceita por pessoas que carregavam sobrenome de famílias nobres da cidade.

Se, para o teatro, era difícil enfrentar os preconceitos, a má vontade pública e a notória acefalia cultural por parte dos dirigentes sociais, com relação à dança o problema agravava-se, quando ela ultrapassava as salas de aula das academias de balé. Dança era coisa para moças de fino trato e devia ser praticada diante dos espelhos das salas de aula, entre amigas. Com difi-

culdade, a dança tentava ganhar corpo como atividade artística, nos palcos dos teatros recifenses, amadoristicamente, é claro, até o surgimento das companhias, nos anos 80 do século 20.

A ópera, por sua vez, talvez tenha sido a manifestação artística com produção mais escassa, dentre todas as artes, visto que a produção dessa expressão cênica era feita de forma bastante eventual em nosso meio. Após a construção do Teatro de Santa Isabel (1850), companhias italianas, francesas e portuguesas passavam

pelo Recife, causando o maior reboleio para a aquisição de assinaturas das famílias nobres, que só assim garantiam as vagas nos camarotes disputadíssimos. Era um verdadeiro pecado social perder, a não ser por doença ou luto recente, récitas de companhias visitantes - principalmente a de Vicente Celestino - que chegavam aos nossos palcos (Santa Isabel ou Parque) até meados de 1930. A produção local desse gênero tem em Valdemar de Oliveira o seu maior criador. São dele os títulos: *Berenice* (1926), com libreto de Nelson Paixão;

UNIVERSOS PARALELOS SOB A MESMA LONA



Depoimento de Índia Morena

(concedido em abril de 2001)

O circo sempre enfrentou dificuldades, mesmo o circo de antigamente.

Antes que eu resolvesse fazê-lo, ele já sofria discriminação da sociedade e havia até quem chamasse de *ladão de*

galinha os artistas circenses, porque muita gente que não era de circo, armava um pano de roda e saía pelas cidades para fazer bagunça.

No circo de antigamente não tinha palavrões nem obscenidades e moça desacompanhada não podia trabalhar como circense. Eu comecei novinha, ainda virgem, a trabalhar no circo, porque eu tinha um protetor, já que a minha família não era do ramo.

Fiz muita coisa no circo, mas fiquei conhecida como rumberia e cantora. Vendia meus retratos como rumberia e fazia números aéreos com cordas e escadas. Eu era sempre a escolhida para fazer o papel da noiva, naquelas brincadeiras do casamento do palhaço, quando a gente percorria as ruas da cidade, numa carroça, de costas, acenando para as pessoas e a meninada correndo atrás e gritando.

Os homossexuais eram muito discriminados no circo de antigamente, bem mais que no de hoje, porque o público não gostava e os donos do circo, por sua vez, também os rejeitavam.

O circo hoje, das grandes metrópoles, não se envolve com a comunidade da cidade como os circos periféricos ainda fazem. Para o circo grande, cada noite é um público. No periférico não é assim. São as mesmas pessoas, a cada noite, acompanhando tudo e os comerciantes dão os brindes que são distribuídos na matinê. A principal dife-

rença entre o circo grande de hoje e o tradicional de antigamente é que o riso é meio falso, sem a espontaneidade do riso provocado pelos palhaços tradicionais.

Quero voltar a fazer o meu circo tradicional, com mulheres que saibam cantar e dançar de verdade, com roupas bonitas, bordadas com pedrarias e que saibam dançar sem ficar apenas se remexendo à toa. Quero o circo com o teatro tradicional na segunda parte do espetáculo, o drama circense. Não quero saber dessa história de botar cantor do povão na segunda parte, isso já saturou.

Estou muito dedicada ao trabalho da Associação dos Proprietários de Circo de Pernambuco, que conta com 36 circos filiados, sendo a maioria da região metropolitana do Recife.

Depoimento de Borica

(concedido em abril de 2001)

É uma bobagem querer fazer distinção entre *circo tradicional e novo circo*, porque, na essência, eles são iguais. Faço o que chamam de novo circo, por causa da *forma* de fazer, que diverge da forma tradicional, mesmo utilizando as mesmas expressões. Essa divergência vem do fato de o novo circo basear-se em um roteiro lógico, com começo, meio e fim, e o espetáculo ter uma história a contar. Quanto ao circo que eu pretendo fazer um dia, ele está ligado às idéias do movimento armorial, diferente das do Circo da Onça Malhada, que existiu durante um certo tempo e tinha muito de circo/teatro; eu quero um circo armorial com mais circo e do melhor. Os artistas circenses que me inspiram hoje são: Rodrigo Matheus, da Cia. Circo Mínimo (SP); Mourinha, que vem de uma família circense tradicional das Alagoas; José Wilson Moura, criador do Circo Escola Picadeiro (SP) e o pernambucano Guru, que ensina no Circo Escola Picadeiro.

ÍNDIA MORENA

"O Circo é um pitoresco oásis de irracionais no meio do trágico racionalismo da nossa vida, é um claro assexual em meio do erotismo das metrópoles" (Pitigrilli, do livro "A Mulher de Putifar")

LIÊDO MARANHÃO



Índia Morena, o anão Albertinho e Mavíael

Conheci Índia Morena em 78 (numa pior), com o cirquinho armado em Santo Ajeixo, lutando ao lado do seu companheiro Mavíael. Um arranjo de tábuas velhas amarradas de arame e corda (hoje nas mãos dos produtores culturais, verdadeiros abutres que só pensam em faturar), imagem arcaica e feudal da estrutura nordestina.

Um pouco da sua vida:

— Meu nome é Margarida Pereira de Alcântara, Índia Morena, é o nome artístico. Filha de Elói Pereira de Alcântara e Maria das Dores de Alcântara. Eu só tenho o terceiro ano primário, mas, quem tem o primeiro ginásial, não vai comigo, não, porque eu aprendi muita coisa em teatro.

— Eu vivia na lama pegando caranguejo. Em circo eu vivo desde os 13 anos de idade. Quando meu pai morreu, eu fui cantar de caloura no "Circo Itaquiara", de Maria Tenório Caval-

cante. Passei no teste, e fui logo contratada. Depois, fui trabalhar fazendo ginástica e cantando em um circo lá em Olinda, por trás da Padaria Aliada. Depois, foi no "Circo Edson", que depois passou para Euclides Águia de Prata, e ficou com o nome de "Circo Águia de Prata". Trabalhei no "Coliseu Mirim", de Benigno, tesoureiro da Prefeitura do Recife.

— Meu circo, é o "Gran Londres". Tem 10 artistas: Ron Montila, Pindoba e Tantina, palhaços; Mister Daniel, trapezista; Helena Maria e Francis Pereira, acrobatas, e Rubenita, cantora.

— Esse circo, é o seguinte: eu trabalhava, e o dono não estava podendo me pagar. Eu não dizia nada, porque via que ele não podia me pagar. Aí, um dia, ele me disse: "Pegue o circo, vá andar com ele, botar para funcionar". Ficou com a coberta que valia uns cinco mil cruzeiros, e me deu o

circo. Aqui em Pernambuco, pelo interior e nos subúrbios, tem uns 30 circos como esse meu (anos 70). Uns 10 com coberta, e o restante sem coberta, chamado "pano de roda". Faz uns 15 dias que estamos por aqui. Nas primeiras noites, dava para fazer 1.200 cruzeiros. A noite de ontem, só apuramos uns 400 cruzeiros.

Fala dos sofrimentos:

— Depois, começou o fracasso: tive uma lesão pulmonar e fiquei internada no Hospital Otávio de Freitas. Esta lesão pulmonar foi por causa de um desgosto; meu marido começou a gostar de uma menina de circo, e depois me abandonou. Eu sofri muito, o senhor não imagina quanto eu já sofri. Esse homem que eu hoje vivo com ele, eu conheci no hospital. Ele não sabia nada de circo. Hoje, faz a apresentação do espetáculo.



O circo "Gran Londres" tem dez artistas

Luzes sobre o picadeiro

Lydia Barros

A cidadã Margarida Pereira de Alcântara, 54 anos, mantém seu sentimento de indignação diante do pouco caso como as instituições oficiais costumam tratar os artistas de circo. Os gritos de protesto da circense Índia Morena, 44 anos de picadeiro, não surpreendem mais os que acompanham o noticiário cultural de Pernambuco, embora sirvam de munição para que a artista insista nessa "militância", que tem como propósito o reconhecimento e a valorização de uma categoria frequentemente marginalizada.

"Não conheço circense com diploma. Pessoas que têm aulas de circo não são, absolutamente, artistas circenses", dispara Índia Morena, irritada com a composição do chamado Fórum Cultural de Pernambuco, segundo ela, "provavelmente" de que a Federação do Teatro Amador de Pernambuco — Feteape e o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Diversão e Arte de Pernambuco — Sated estão "desrespeitando" a entidade que representa os circenses no Estado. "Em nenhum momento fomos ouvidos e, pior, eles ainda usam nosso nome", declara a artista às vésperas de comemorar, "sem festas", o 44º aniversário de picadeiro.

Índia Morena também não poupa iniciativas como o projeto Circo-Escola da Torre Malakof — "As pessoas pensam que circo é só malabares, perna-de-pau e comedor-de-fogo. Mas, na verdade, deveriam trabalhar para trazer de volta números como as escaravadeiras, a pecha, o trapézio de cabeça, entre outros, artes que ficaram para trás pela falta de estrutura dos circos locais". A artista, numa fase de desarticulação política (ela já teve momentos de mais proximidade com o "poder"), afirma que os circenses — a Associação dos Proprietários e Artistas de Circo de Pernambuco tem 1.282 associados — continuam sem perspectivas de trabalho, e "no mais completo abandono".

Como não quer dar tréguas aos desafeitos e, tampouco, desistir da carreira, Índia Morena, aposta as fichas no projeto Um Sorriso para a Vida, através



Índia Morena, aos 14 anos, início da vida circense como contorceionista

do qual promete fundar no Estado "uma verdadeira escola de circo". A ideia é motivar a participação de menores carentes e idosos, num circo que mobilizaria o trabalho de, pelo menos, cem artistas, e que cumpriria uma itinerância em todo o Norte e Nordeste. "Temos exemplos de grandes trapezistas, ex-viciados, recuperados pelo Circo Picadeiro (SP) e Circo Nacional (RJ)", comenta. "Ficariamos noventa dias em cada cidade dando aulas e espetáculos, inclusive, com aulas de alfabetização para os circenses", planeja.

A artista pretende captar recursos para o projeto através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, e garante que vai lutar — "com todas as forças" — para materializar o sonho. "É muito gratificante ver o sucesso que está fazendo um artista como Tiririca, que simplesmente gravou um disco com as músicas que os palhaços cantam. É importante ele estar onde está, principalmente, porque ele não esquece suas origens e faz o Brasil olhar um pouco para os circenses", declara Índia Morena.



A artista argumenta que os circenses devem ser respeitados como categoria

FILMES

JOGO DOS OITO ERROS

Estes dois desenhos são aparentemente idênticos

GRUPO SEVERIANO RIBEIRO
INGRESSOS
DESCONTO



VIDA URBANA

Motorista de
taxi chefiava
quadrilha de
assaltantes
PÁGINA B-6

Greve agrava
situação dos
estudantes e
angústia pais
PÁGINA B-2

Crise coloca o circo na

Profissionais andam pelas ruas da Capital tentando escapar do fantasma da extinção dessa arte milenar

Catarina Lucrécia

Um dos mais contagiantes espetáculos de luz, beleza, cor e alegria está atravessando momento de verdadeira calamidade no Recife — o circo. Contrariando a expectativa de pelo menos 200 artistas que, instalados na Região Metropolitana, ainda o consideram meio de sustento ou chegam até a confundir-lo com a própria razão de viver, ele atualmente caminha sobre uma corda bamba embalada por uma crise sem precedentes. Os reflexos da fragilidade podem ser vistos, claramente, na grande quantidade de seus profissionais desempregados ou nos subúrbios da Cidade, por onde se arrastam, os mambembes, aos trancos e barrancos, para tentar escapar da extinção.

As condições de miséria em que morreu — há dois anos — vítima de leptospirose, Severino Ramos de Lisboa, o famoso palhaço Gameloso, apontavam fortes indícios da seriedade do problema. Gameloso — que durante meio século se dedicou às atividades circenses — deu adeus ao mundo dos picadeiros, às praças e às palhaçadas diante de uma deplorável situação de pobreza. Hoje, apesar de toda a repercussão que o fato teve na época, ocupando, inclusive as manchetes dos jornais, seus companheiros também estão condenados a seguir um destino idêntico.

Índia Morena, filha adotiva de Gameloso e outra eterna amante do circo, é o exemplo típico de que, só uma mudança radical no comportamento das autoridades competentes, será capaz de evitar que a "profecia vire realidade. Apesar de já ter brilhado muitas vezes no cenário da cultura popular, Índia alimenta o seu talento com biscates, mora em um sinplório barraco de madeira, na rua Maranguape, em Jaboatão e, assim como aconteceu com o pai, teme um futuro

sombrio por conta da escassez do campo de trabalho.

Pressão — Todas as segundas-feiras, entretanto, deixa o "pacote" das mágoas em casa e vai para a calçada da Farmácia São Francisco, esquina da av. Dantas Barreto com a Siqueira Campos, local que os circenses resolveram transformar a via pública numa espécie de ponto de encontro. Das 9 às 13h, como já virou tradição, troca informações com os companheiros na esperança de que uma delas, ao menos, lhe sinalize no sentido de alguma ocupação.

Mesmo separada, atualmente, de uma de suas maiores paixões — o Gran Londres, circo que montou com recursos próprios e que por duas vezes viu ser destruído pela força dos ventos, Índia Morena, aos 48 anos, é uma das poucas artistas veteranas que ainda pressionam a Fundação de Cultura da Prefeitura na intenção de reconquistar, a nível local, o espaço perdido pelos picadeiros.

Na opinião dela, O Grande Circo Popular do Brasil, do ator Marcos Frota, e que durante dois meses foi sucesso de público e bilheteria no palco externo do Centro de Convenções de Olinda, é a mais pura prova de que nem mesmo os avanços tecnológicos foram fortes o bastante para afastar a platéia de um bom show. "A única coisa que está faltando para a gente voltar a brilhar é incentivo e patrocínio", comenta.

Promessa — Os números apelos dos circenses cedem a ser atendidos ou, ao menos, levados em consideração pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife. O Circo Popular — há um ano desativado — voltará a funcionar. A proposta da prefeitura com a reativação do projeto — que antigamente assegurava emprego de alguns profissionais — é constituir um pólo de animação e de manifestações da arte.



Índia Morena: "Campo de trabalho é sombrio e o futuro não traz esperanças"

Mesmo sem data definida para a estréia, o Circo Popular já tem ponto definido. Com capacidade para acomodar 1.200 pessoas, em 2.707m² de área, será instalado na rua da Aurora onde vai contar, também, com lanchonetes, sanitários e amplo estacionamento. A maior novidade do relançamento da idéia é que, ao contrário do que ocorria no passado, ele deixará de ser ambulante para ser fixo.

Ao tomar conhecimento do projeto, as reações entre os artistas foram as mais diversas possíveis. Para alguns, é uma nova porta que se abre para despistar a crise. Para outros, não passa de mais um alar de já tão comum na época de eleição. Índia Morena, por exemplo, diz que só depois que o primeiro ingresso for vendido é que vai acreditar que, efetivamente, deixará de ser uma mera promessa.

E difícil de explicar sem ver
mas existem vários peruquei-
ros que fazem.

milia, que ficar a seu
lado na hora da distri-
mais adequadas para
a data.

panhe etc, tudo ótimo. Nota: 10
por suas escolhas.

Atriz circense comemora seus 46 anos de carreira

Simone Lima

Uma vida toda dividida entre a casa e o picadeiro. Assim tem sido o cotidiano da atriz circense Margarida Pereira de Alcântara, mais conhecida pelo nome de Índia Morena, durante os últimos 46 anos. Já foi contorcionista, contracenou com palhaços, trapezista voadora, acrobata, cantora e apresentadora de diversos números de ginástica.

Ainda menina, participou de shows de calouros. As matins infantis aconteciam no circo do bairro onde morava, na Vila de São Miguel, em Afogados. "Interpretava canções de Vicente Celestino e Ângela Maria melhor que ninguém. Era a única que sabia as



Hélia Scheppa

◆ Índia Morena já fez de tudo no picadeiro

letras inteirinhas", gaba-se.

Foi a partir dessas apresentações que, contra a vontade dos seus pais, quis integrar o dia a dia dos grupos de circo. Ao tentar se aproximar dos aparelhos circenses, foi barrada.

"Os artistas não deixavam ninguém de fora chegar perto do picadeiro", lembra.

Foi então que, prestes a realizar a cerimônia de crisma, teve a idéia de convidar a dona do antigo circo Itaquiatiara Real

para ser sua madrinha. "Foi puro interesse, mas ela era uma boa pessoa", brinca Margarida. Hoje, depois de atuar em muitos picadeiros, Índia Morena se dedica ao trabalho de cantora. "O que ainda não fiz estou fazendo agora", afirma satisfeita. Uma outra bandeira que Margarida vem carregando e defendendo é a inclusão dos circos no projeto da Lei de Incentivo à Cultura.

Da carreira de atriz circense, Margarida guarda com imensa saudade o encontro que teve com o Papa e as viagens ao redor do mundo. Com vários grupos, conheceu os Estados Unidos, Argentina, Paraguai e Uruguai, além dos diversos estados do Sul do País.

Artista faz 46 anos de picadeiro

Índia Morena emplaca projeto de circo-escola para marcar a data

Artista circense Margarida Pereira de Alcântara Nascimento, mais conhecida como Índia Morena, completou ontem 46 anos de picadeiro. Coincidência ou não, foi condecorada pela Câmara dos Vereadores de São Paulo com o diploma de Honra ao Mérito, pelo conjunto de sua obra.

Legítima egressa do mangue e orfã de pai, era pescadora de crustáceos quando conheceu o circo. "Sai do mangue direto para o circo", lembra. Começou ainda criança como cantora, interpretando músicas de Vicente Celestino e Ângela Maria.

Depois foi contorcionista, palhaço, nega maluca e até trapezista. "Naquela época não tinha rede não, se caísse ia direto para o chão". Também dançava de biquíni, época de muito sucesso. "Onde chegava, virava o comentário da cidade. Novinha e bem-feita de corpo, saíam espalhando que tinha uma índia dançando nua no circo, e todo mundo ia me ver", lembra, saudosa.

Com o tempo, foi ficando cada vez mais engajada na luta pelos direitos dos artistas de circo. Hoje, junto com o marido Mavial Ribeiro de Barros, presidente da Associação dos

Artistas, com sede na Casa da Cultura, tem um projeto aprovado pela lei de incentivo à cultura. "É um circo-escola. Viaremos o Estado dando aulas de circo para as crianças, de dia, e, à noite, apresentaremos espetáculo. Também abrigaremos artistas aposentados, para que pessoas como eles, que deram tantas alegrias, tenham uma vida digna".

Disposta a tudo pelo seu sonho, Índia Morena está com viagem marcada para São Paulo, onde vai se apresentar no programa do Ratinho. "Não é tanto pela apresentação - ela vai estar lá com mais quatro artistas

de circo - mas, sim, pela luta em prol dos circenses". Até lá, se não conseguir os recursos necessários à implantação do projeto, pretende usar a audiência do programa para leiloar um rosário ganho do Papa João Paulo II. "É por uma boa causa", explica.

Sempre de olho no futuro, já prepara um novo projeto. Índia Morena, que hoje é apresentadora, cantora e cantora, pretende gravar um CD, com músicas e piadas de circo. "Graças a Deus, estou com 56 anos e sinto que o público ainda gosta de mim. Não posso parar", completa.

O circo diante do atirador de facas

Índia Morena e Borica discutem o presente e o futuro do circo

João Luiz Vieira

Hoje é Dia Nacional do Circo. Também é Dia Internacional do Teatro. Mas, dos dois segmentos das artes cênicas, é o primeiro que está em situação limite, cara a cara com o atirador de facas. Não que esteja perto do seu fim. Está no momento em que tem de decidir se fica na mesma e corre o risco de perder público para outros veículos de entretenimento ou se renova sua linguagem e absorve o que de melhor tem a oferecer seus concorrentes mais agressivos, como a televisão e o videohome.

Das chamadas artes cênicas, pode-se dizer que o circo foi a que mais tempo passou atrelada, quase que exclusivamente, às contribuições herdadas de seus pioneiros. Diferentemente dos criadores de espetáculos de teatro, dança e até de ópera, os circenses preferiram manter, sustentar e reproduzir as técnicas que impressionaram e encantaram multidões na multiplicação dos anos. Hoje, eles próprios estão em duelo no picadeiro. Duelo de idéias.

Existe a ala conservadora, na qual a ex-trapezista e ex-contorcionista Índia Morena, 52 anos, 42 deles debaixo da lona, é um dos ícones. Do outro lado, um dos maiores entusiastas do espetáculo de circo performático e múltiplo de referências, o ginasta, trapezista e palhaço Bóris Trindade Junior, o Borica, 31, formado pela Escola Picadeiro de São Paulo, que repassa, estrutura e recicla profissionais da área em dois anos.

QUANTO CUSTA — Ambos concordam que



CAMPEA — Índia Morena já foi considerada a melhor contorcionista pernambucana. Este ano completou 42 anos de picadeiro

o circo não está morrendo. Discordam quando o assunto é linguagem e produto. "Antes o circo era mais visitado, hoje a situação é um pouco mais difícil. Mas os circos de periferia continuam atraindo muita gente", aposta Índia, representante de artes cênicas no conselho da lei de incentivo à cultura. Ela considera a precariedade de alguns espetáculos e aponta a falta de apoio financeiro do governo como um dos principais motivos desse desgaste.

Borica acusa os circenses mais antigos de terem uma visão ultrapassada do produto que vendem. "Eles insistem na mendicância, quando deveriam ver o circo como empresa. Temos de fazer nosso projeto, colocar debaixo do braço e vender, mostrando que é viável", diz. Hoje, para se montar um circo mediano é preciso somar R\$ 50 mil, pelos números de ambos. Os cálculos são feitos considerando a estrutura da lona. Uma de qualidade intermediária pode custar

R\$ 28 mil para um circo de dois mastros, medindo 33 por 28m. Só a lona.

ESCOLA X INTUIÇÃO — Índia valoriza a linguagem tradicional. Acredita, por exemplo, que o verdadeiro palhaço é aquele que faz a graça escorregando de uma casca de banana ou levando um banho de água de um colega sacana. A pornografia não é bem-recebida. Também não concorda com ensaios longos, pois "um artista de circo de verdade não precisa passar horas ensaiando. Quem sabe, sabe."

Borica defende a escola de circo, mas tem certeza que somente a minoria se interessa. "Muitos circenses acham que sabem de tudo, mas quanto mais a gente estuda, mais tem de aprender. É preciso unir o dom à técnica", sentencia.

Índia diz que a saída, pelo menos para os circos menores que estão sentindo no bolso a evasão de público, é ir para as periferias. Para ela, o local de armação é fundamental. Bairros como a Imbiribeira e o Ipsep são seus preferidos. "Nestes lugares, muita gente que vai ao circo não tem emprego fixo e logo gastam o dinheiro que recebem. Em lugares de elite há preconceito. Eles marginalizam os circos menores", acusa.

RICO — Borica até concorda em parte com essa teoria, só enfatiza que a solução está na renovação da linguagem. "De que adianta executar um exercício e pedir um aplauso. Muitos outros fazem a mesma coisa. Mais importante é como vou fazer. Que artifícios usarei para criar uma interação entre meu número e a plateia.

A maior preocupação de ambos não é a morte do circo, e sim a morte dos artistas, que estão largando a vida mambembe para tentar a estabilidade em empregos fixos.

adolescentes e adultos retornam para ver o sonho colorido que se acendeu na infância, que já levam seus pimpolhos para o espetáculo.

Em alguns momentos parece um circo, coberto de brilhos e propositalmente kitsch. As cenas não têm qualquer ligação en-

número considerável de bailarinos no palco, as eventuais falhas são encobertas.

Os figurinos, de Michael Fresnay e os cenários de Osetu Krejcin são demasiadamente coberto de brilho, em desenhos, cortes e cores que nós chamamos aqui de brega. Inclusive o

file de patinação, com muitos bons patinadores, com saúde e energia suficientes para rodopiar, pular, deslizar, enfim tentar implantar a magia através da técnica do balé sobre o gelo.

Quase todas as cenas são in- explicitamente longas, o que cansa um pouco até os famosos

nas cenas parecem repetição de outras cenas. Alguns defendem que Holiday on Ice já teve momentos mais inventivos. Talvez seja até a imaginação infantil que, outrora, viajou no material que o grupo mostrou no palco. Seja lá como for, agrada bem ao gosto mediano.

Personagem

Índia Morena: Paixão pelo Circo

Índia Morena traduz a paixão pelos circos mambembes. Aos 42 anos de profissão completos este mês, ela já viveu praticamente toda as emoções e sabores de quem opta pela vida no picadeiro. Começou aos 10 anos, primeiro como curiosidade de criança, mas logo depois descobriu que ali estava o seu destino. Secretária da Associação dos Proprietários e Artistas Circenses no Estado de Pernambuco, que conta com 333 associados, Índia confessa que a situação dos circenses é periclitante. Atualmente sem lona, ela reclama que a Fundação de Cultura Cidade do Recife não chama a Apacepe para conversar nem para participar dos programas do circo armado no Sítio da Trindade. "Os verdadeiros artistas estão parados".

Para garantir a sobrevivência, ela canta em churrascarias, Associação de Moradores. "Canto numa churrascaria e outra, todos os estilos, mas de preferência seresta, para ganhar um cachezinho para tapear, que não dá nem para uma feira de 15 dias". Recentemente, Índia acu-

mulou mais uma experiência ao seu curriculum. Participou do desfile de moda promovido pela Modacentro Promoções e Eventos, dirigido por Talita Sobral, no Arcádia de Apipucos.

Diante de todas as dificuldades, ela não desiste de sua arte. Está procurando resgatar os dramas circenses e para isso entregou um projeto a Fundarpe para montar a comédia *Se Anacleto Soubesse*, com 15 figurantes. Segundo ela, a Fundarpe ficou de patrocinar o guarda-roupa e investir em apresentações por 72 municípios pernambucanos.

Uma das tristezas marcadas em sua alma, é a morte do filho quando ela estava se apresentando. Das muitas alegrias, Índia ainda lembra quando pediu a mãe para seguir com uma trupe do Itaquetiana Real Circo e a mãe, depois de ponderar, respondeu: "Não quero cortar sua carreira". E lá se foi ela, com sua alma de artista e muita vontade de aprender os segredos do picadeiro. De Jaboatão, apresentou-se em cidades do interior de Pernambuco, depois Argentina, Miami, Paraguai, Uruguai, en-

quanto ia aprendendo novas técnicas.

"Comecei cantando músicas de Vicente Celestino, depois Angela Maria, Nubia Lafaiete, Roberto Muller". Ao mesmo tempo ia aprendendo ginástica, contorcionismo, trapezismo voador e depois representação de teatro. Como ela se corresponde com a Santa Sé e orgulha-se das cartas enviadas pelo Papa.

Até hoje, só ganha se trabalhar. E um Deus nos acuda quando fica doente. Não tem aposentadoria. "Como um artista dos circos pequenos pode pagar INSS?", questiona. "A alegria do artista de circo é estar trabalhando", enfatiza. "Trabalho nas campanhas políticas, época que eles se aproveitam dos circenses". Preocupada, além das questões da aposentadoria que os circenses não dispõem, com a saúde e a educação dos jovens filhos dos circenses que não têm acesso às escolas públicas, ela briga por melhores condições para a sua classe. No próximo dia 13 de julho, ela completa 52 anos de idade, cheia de garra para lutar pelo circo. (J.M.)



A circense Índia Morena completou 42 anos de atividades

EXEMPLO DE VIDA **Margarida Pereira de Alcântara, 60 anos**

Julio Jacob na

Ontem, foi comemorado pela primeira vez em Pernambuco o Dia Estadual do Circo e do Artista Circense. A data foi incluída no calendário oficial de eventos do Estado pela Lei 12.120, de autoria do deputado Sérgio Leite. Entre os mais de 2 mil artistas de circo existentes em Pernambuco, está Margarida Pereira de Alcântara, 60 anos, mais conhecida como Índia Morena. O nome artístico foi criado por ela própria aos 10 anos, quando iniciou sua carreira. Seu pai era índio de verdade. Menina, morava na Vila São Miguel e ajudava nas despesas de casa calando caranguejo no mangue de Afogados e do Pina. Aprendeu o ofício com o pai pescador. Em 1953, o Circo Itaquatiara armou sua tenda na vila e a história de Margarida mudou de vez. Ela inscreveu-se num concurso de calouros e ganhou o primeiro lugar. Mas era pouco. Para conseguir entrar no picadeiro e aprender a arte do circo, convidou a dona do Itaquatiara, Maria Borges, para madrinha de crisma. Foi o passaporte para subir no trapezio, na escada ginástica e aprender contorcionismo. Era maio. Em junho, o circo mambembe iria seguir viagem e com o pedido da madrinha e a aprovação da mãe, Índia foi junto. Ganhou vestido novo para se apresentar como cantora. Não recebia salário. O circo mandava uma ajuda semanal para a mãe. Um ano e nove meses depois, a saudade bateu e a menina voltou para casa. Mas não por muito tempo. Índia ingressou em outras companhias e, aos 14 anos, já era trapezista voadora. Dispensava a proteção de equipamentos de segurança e de redes. Também se apresentava como dançarina e escandalizou a plateia ao usar uma saia aberta, como as de Carmem Miranda, e ao dançar rumba. Os anos



seguiram e o currículo crescia, com participações em circos como o Bartolo, Garcia e o argentino New American Circus e viagens ao Exterior. Ela lembra que na época esses circos não tinham fama e cresceram com o talento dos artistas brasileiros. Mas com o sucesso, veio a preferência pelos estrangeiros. No dia 1º de junho, ela irá comemorar 49 anos de arte circense. Cantora, dançarina, trapezista voadora, contorcionista, animadora, ajudante de palhaços, Índia é uma artista completa e pretende jamais abandonar a lona. Toda a história de sua vida no circo está guardada não apenas na memória, mas também em álbuns de fotografias, na coleção de 118 vestidos, perucas, maquiagens. Hoje, Índia ensina à filha adotiva, de apenas 9 anos, tudo o que aprendeu. Gláubia já dança e imita a rumba, personagem marcante na biografia da mãe.

Comemore seu aniversário no Plaza

O Plaza Shopping Casa Forte traz inovações para o público da terceira idade. A partir do dia 1º de abril, abrirá espaço para a comemoração de aniversários e outras datas festivas durante o Chá das Tardes, programa pioneiro em shoppings da cidade. O Chá das Tardes é realizado de segunda a sábado, na Praça de

Alimentação, e será comandado agora pela empresária Nair Renda, da Doce Glacê. O cardápio incluirá 12 tipos de chás, biscoitos finos, cafés diferenciados e achocolatados. O ambiente, lembrando um recanto inglês, é apropriado para encontros de fim de tarde. Informações pelo fone 3442.2742.

Vitalidade

Disposição é o que não falta aos integrantes do grupo Vitalidade do Sesc Casa Amarela. Esta semana, eles realizaram caminhada ecológica, no Parque da Jaqueira. O grupo de idosos se reúne às terças-feiras para assistir palestras e participar de diversas atividades. Informações pelo fone 3267.4400.

VARIEDADES

Circense fala da situação precária da categoria

De passagem em Guarulhos, a recifense Margarida Pereira de Alcântara esteve visitando a redação do jornal *Olho Vivo* semana passada. Circense há 46 anos, Margarida tem 56 anos de idade e é conhecida por Índia Morena. "Vim reivindicar em nome da categoria", fala.

"Já fui trapezista e contorcionista", conta Índia, que hoje limita-se a apresentar números musicais e contracenar com palhaços. Representante do jornal *Arte & Diversões*, a circense veio a São Paulo para participar do Programa do Ratinho, onde denunciaria a situação dos artistas circenses em Pernambuco. "A matéria foi adiada", explica Índia que também está ligada à Associação dos Artistas Circenses do Estado de Pernambuco, que conta com 2620 associados, abrangendo cinquenta circos naquele Estado.

Índia comenta que a situação do artista circense em Pernambuco é ainda pior do que em outros Estados do País. "Ninguém consegue se aposentar e muitos idosos estão passando fome", conta, lembrando do falecido



Índia Morena reivindica em nome da categoria circense

"Ele morreu em 1990, docente, morando em um barraco de plástico na Favela do Coque", ressalta a circense, que aponta outros artistas que passam por situação semelhante. Muitos encontram-se acidentados, sem qualquer assistência.

Ingratidão

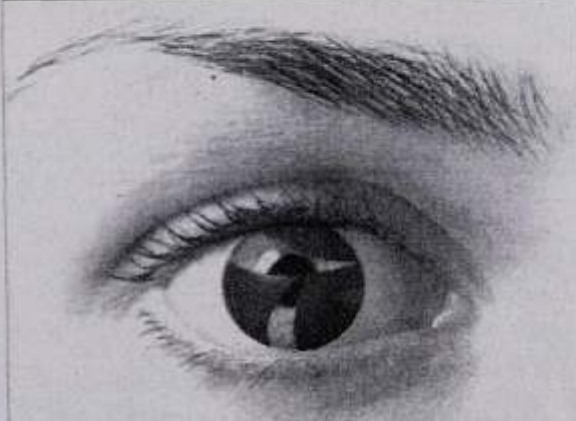
"Mesmo na dor a gente leva a alegria por onde passa. E o que ganhamos em troca?", questiona a circense, que responde: "Só ingratidão". Ingratidão dos pais e também do

poder público, que não fornece qualquer incentivo aos artistas.

Em nome da Associação, Índia Morena reivindica um circo próprio à entidade. "Com um circo nosso, poderíamos voltar a fazer os famosos dramas circenses, hoje extintos", ressalta a artista.

Além de voltar às origens, com um circo próprio, a categoria eliminaria um outro problema: a carência de trabalho aos artistas da Terceira Idade. Estes têm um projeto bastante interessante: ensinar a arte circense às crianças de rua.

As Faculdades Tamocelli & Elito estão admitindo Professores com Título de Mestrado ou Doutorado, nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Engenharia Elétrica. Enviar currículo à Cx. Postal 193 - CEP 07190-970 - Guarulhos - SP ou e-mail: fl.apa@ss.com.br



DE OLHO NO FUTURO!

O VESTIBULAR DO NOVO MILÊNIO

- Comércio Exterior
- Marketing
- Gestão da Informação (Anál. Sistemas)
- Administração de Empresas e Negócios
- Secretariado Executivo
- Ciências Contábeis
- Engenharia Elétrica

**INSCRIÇÕES
GRÁTIS ATÉ
20/01/2000**



Contato: (11) 2474-1100 / (11) 2474-1101